

DITOS POPULARES E METÁFORA CONCEPTUAL

Antônio Marcos Vieira de Oliveira (UERJ)
amvdeo@hotmail.com

1. Introdução

Este estudo pretende investigar como as metáforas conceptuais (LAKOFF e JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2002) fundamentam os ditos populares retomados em poemas. Adotaremos a hipótese de que as metáforas conceptuais subjacentes aos ditos populares também estruturam a retomada desses ditos populares em poemas.

Em nosso estudo, três processos deverão emergir; a projeção metafórica presente no dito popular e a observação da projeção metafórica presente no poema. Também será observado se a projeção metafórica presente no poema retoma a projeção presente no dito. Examinaremos o processo de mesclagem como proposto por Fauconnier. O arcabouço teórico é o da *Linguística Cognitiva* (LAKOFF e JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2002; FAUCONNIER e TURNER, 2002; GRADY, 1997).

O *corpus* é composto por dois elementos; o dito “água mole em pedra dura tanto bate até que fura” e uma das passagens do poema “Mar Português” de Fernando Pessoa. Os ditos populares são elementos que oferecem dados fundamentais sobre a organização conceptual do mundo que nos cerca. Inserem-se no dia a dia e enriquecem as relações entre o homem/mundo e o homem/homem. O falante os usa com base nas experiências adquiridas no cotidiano, dando maior expressividade à linguagem.

2. A integração conceptual

Projetamos parte de domínios em outros, neste momento projetivo, acabamos por integrar parte de nosso conhecimento. As projeções ganham relevância especial na operacionalidade dos fenômenos linguísticos que possuem caráter figurativo. Turner (1996) afirma que a hipótese do poder projetivo sustenta a imagem narrativa

que é uma atividade fundamental da cognição e de grande importância para a racionalidade.

Ainda em consonância com Turner (1996), nós desenvolvemos atividades mentais diárias e fundamentais, que são as projeções, concentramos um número grande de informações em um pequeno espaço: os sujeitos, os objetos e os eventos.

Nossa mente é capaz de operar redes de mapeamentos, integrações entre domínios, que resultam em uma infinidade de significações. Essa capacidade de projeção caracteriza um processo cognitivo chamado de *blending*/mesclagem. O *blending* é uma operação cognitiva caracterizada pela ocorrência de diversas projeções resultantes pela integração de diferentes domínios.

A mescla constitui-se por dois domínios de conhecimento (inputs/ domínios-fonte 1 e 2); e um terceiro domínio, denominado espaço genérico, o qual apresenta as estruturas dos dois domínios-fonte, definindo a relação entre esses espaços; e um quarto domínio, o espaço mescla, que combina parcialmente propriedade dos domínios fontes e apresenta também propriedades originais e organização estrutural própria. O resultado de todo esse processo é uma estrutura inédita denominada de estrutura emergente.

3. *A metáfora conceptual*

A ideia de utilização da metáfora como um simples adorno estilístico da língua tem modificado desde o final do século XX com as contribuições e estudos da linguística cognitiva.

Os cognitivistas afirmam que o pensamento metafórico acontece devido a nossas experiências corpóreas. Lakoff e Johnson (2002) defendem a importância vital da metáfora conceptual na constituição do pensamento e propõem a cognição como um processo de união entre mente, ambiente e corpo e que a metáfora, neste processo, se torna uma poderosa ferramenta da cognição.

Os cognitivistas entendem que o ato de categorizar é um processo vital na forma e maneira como o sujeito entende o mundo. Segundo Lakoff (2002), categorizamos tudo ao nosso redor, a todo momento, como se categorizar nos tornasse humanos, este ato está

envolvido nas experiências que processamos com nosso corpo e mente, interagindo com o ambiente. Para Lakoff (2002), não categorizamos somente as coisas, mas também entidades abstratas. Assim, sempre que experienciamos algo, acabamos por categorizar.

A maneira como categorizamos algo decorre de nossas interações com o ambiente. Dessa forma, ao nos depararmos com novas situações sociais, criamos novas categorias para tal situação, que se incorporam em nossa mente e aumentam nosso arsenal de categorizações.

A base experiencial é de grande relevância para o processo de categorização. Kövecses (2005) entende a metáfora como um fenômeno linguístico, conceptual, sociocultural, neural e corporal e afirma que a escolha de uma fonte específica para seguir um alvo específico é motivada por uma base experiencial ou corpórea.

As inúmeras categorizações que fazemos nos levam ao conceito de metáfora que Lakoff e Johnson (2002) desenvolveram. A metáfora está ligada aos nossos pensamentos e ações, e não somente a linguagem, de tal forma que está diretamente introduzida em nossa vida cotidiana. A maneira como conceptualizamos o mundo, nossas experiências, têm base metafórica.

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra, de forma que os conceitos metaforizados apresentam um entendimento parcial do que é metaforizado, se fosse ao contrário, um conceito seria outro e não compreendido em termos de outro.

A metáfora é um mecanismo conceptual e cognitivo que possibilita explicar uma coisa em termos de outra, esse mecanismo caracteriza-se pela relação entre dois domínios conceptuais diferentes, transferem-se elementos de um domínio mais concreto para outro mais abstrato e novas experiências são entendidas na sua integração a conhecimentos anteriores.

Dessa forma, temos o conceito de projeção entre os dois domínios conceptuais, onde um domínio mental é conceptualizado em termos de outro domínio. Assim, um domínio de origem (*source domain*), de natureza concreta e experiencial, serve para explicarmos

entidades que pertencem a um domínio alvo (*target domain*), com um caráter mais abstrato.

O Amor é uma Viagem (LAKOFF e JOHNSON, 2002) é um exemplo de metáfora conceptual, que apresenta uma projeção entre um domínio de origem (VIAGEM) e um domínio alvo (AMOR), e que pode ter diversas realizações linguísticas, tais como “Para onde está indo nossa relação”, “Devemos ir mais devagar”, “Estamos em um beco sem saída”. Temos diferentes expressões linguísticas que veiculam uma única metáfora conceptual.

Sendo assim, temos uma projeção onde se cruzam domínios conceptuais, neste caso, pretende explicar-se a noção abstrata “amor”, estabelecendo correspondências com a nossa experiência concreta de uma “viagem”.

4. *Metáfora e dito popular*

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu.

Mas nele é que espelhou o céu.

As metáforas poéticas, segundo Kövecses (2002) são construídas por processos de extensão, elaboração, questionamento ou combinação objetivando a criação de novos conceitos. Através das metáforas poéticas, novos conceitos ou formas de pensar emergem, provocando a ruptura de estruturas conceptuais e linguísticas já cristalizadas pelos falantes. Assim, criações poéticas contribuem para iluminar experiências comuns, levando-nos à reflexão, à construção de pontos de vista novos, ou seja, a percepção de novas formas de ver e pensar sobre pontos díspares de nossa experiência.

O poema em questão aborda o esforço heroico na luta contra o Mar e a ânsia do desconhecido. Aqui merecem especial atenção os navegadores que percorreram o mar em busca da imortalidade, cumprindo um dever individual e pátrio (realização terrestre de uma missão transcendente), podemos aqui conceptualizar a ideia de que as dificuldades para se prosseguir em uma jornada podem ser transponíveis e neste prisma entenderemos jornada como um domínio de progresso, assim o poema se estrutura em torno de três metáforas conceptuais; “Dificuldades são impedimentos à viagem, a vida é uma jornada e a nação é uma pessoa”.

O tema pode dizer-se que é a apresentação dos perigos e das glórias que o mar comporta ao povo português. Retoma-se a conceptualização de dificuldades funcionando como impedimentos para a realização de algo e, retomando a era das grandes conquistas, o mar se transforma no elemento principal onde apesar de todo o sacrifício, ao final foi nele que se espelhou o céu, isto fica claro nos dois versos finais do poema e podemos conceptualizar a metáfora “algo significativo é grande” ao entendermos a importância do mar conquistado pelos portugueses. Entendendo a nação como uma pessoa, fica nítida a ideia de que a vida de uma pessoa – nação – é uma jornada e as dificuldades são os impedimentos à viagem – jornada.

O tema desenvolve-se em duas partes. A primeira é constituída pela primeira estrofe é a síntese da história de um povo e dos sacrifícios que suportou para poder conquistar o mar; o sal é amargo no sabor e as lágrimas são amargas não só no sabor, mas também no que elas traduzem de sofrimento e dor. Este trecho apresenta a tenacidade do povo português e fica nítida a ideia de uma das metáforas conceptual que norteia o poema, “Dificuldades São Impedimentos à Viagem”, e é apresentada a conceptualização de uma nova metáfora ao entender que a conquista do mar representa o símbolo do sofrimento, de tantas tragédias provocadas e assim conceptualizamos a ideia de que “propósitos são destinos”, pois existe uma clara relação entre as duas realidades: a conquista do mar e o sofrimento do povo português e, para confirmar esse sofrimento, aparecem as mães, os filhos, as noivas – elementos importantes na conceptualização da família.

A segunda estrofe é de caráter mais reflexivo, fazendo um balanço dos referidos sacrifícios. A conclusão é que valeu a pena, pois em resultado desse sofrimento o povo português conquistou o absoluto. As aspirações infinitas dos homens conduzem-nos até este ponto. A recompensa das grandes dores são as grandes glórias. Nos versos: “Quem quer passar além do Bojador, Tem que passar além da dor”, são retomadas as metáforas norteadoras do poema, com alguns desdobramentos, a metáfora “dificuldades são impedimentos à viagem” é apresentada agora como um impedimento que pode ser superado e assim teremos a metáfora “dificuldades são impedimentos transponíveis”, já que é possível chegar ao Bojador, desde que se avance além da dor. E a metáfora “a vida é uma jornada” é retomada com a mesma conceptualização inicial, mas reforça a ideia do domínio progresso na palavra jornada, pois ao terminar a viagem – jornada – Portugal saiu vitorioso nas conquistas apesar de todo o sofrimento do povo português e a metáfora “a nação é uma pessoa” está presente a todo momento ao conceptualizarmos a nação como uma pessoa.

Finalmente em “Deus ao mar o perigo e o abismo deu / mas nele é que espelhou o céu” fica clara a noção de que o perigo e o abismo do mar são a causa de sofrimentos, mas no sentido metafórico é símbolo do sonho realizado, da glória. Daqui poderemos deduzir que quem vencer os perigos do mar e o sofrimento alcançará a glória suprema, desta forma retomamos o desdobramento de uma das metáforas principais na metáfora “dificuldades são impedimentos transponíveis”.

Esta pequena análise mostra como a metáfora poética se constrói a partir de modelos cognitivos que já temos disponíveis em nossa mente (LAKOFF e TURNER, 1989; KÖVECSES, 2002). Interpretar a metáfora poética requer o uso de estratégias cognitivas inerentes ao modo de pensar e refletir de qualquer ser humano. O poeta transforma-se no elemento que elabora os conceitos já disponíveis na mente dos leitores. Assim, a capacidade para interpretar metáforas poéticas é construída pelo leitor.

5. Conclusão

Nossa análise do *corpus* confirma a hipótese inicial de que as metáforas estruturadoras de ditos populares são retomadas em poemas, mas com algumas considerações.

Lakoff e Turner (1989) afirmam que existem metáforas que nos permitem entender uma categoria de situações como um todo em termos de uma situação particular, tais metáforas são denominadas de metáforas de nível genérico. Os ditos populares podem ser considerados assim, já que relacionam esquemas de nível genérico. Por serem de nível genérico, podem funcionar em várias situações específicas. Assim, temos a metáfora “genérico é específico”.

Em “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura” temos varias situações específicas para uma situação genérica (dito), a água caindo insistentemente sobre a pedra até furá-la, pode servir como esquema conceitual para caracterizar uma imensa variedade de expressões e Grady (1997) afirma que as metáforas do tipo “genérico é específico” necessitam em sua utilização de relação de similaridade entre a lógica dos eventos. Assim, podemos entender a similaridade entre a ação continuada da água na pedra e efeitos causados e a ação continuada do povo português ao querer chegar ao Bojador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: CUP, 1994.

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: CUP, 1997.

_____; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2003.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Unpublished Ph. D. Dissertation. University of California, Berkeley, 1997.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSESE, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. Nova York: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.

_____; TURNER, M. *More than cool reason: field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

PESSOA, F. *O eu profundo e os outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 12. ed, 1980.